

## SAMBA NA EDUCAÇÃO – UMA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Gabriella Monerat do Nascimento Lima <sup>1</sup>  
Jonatas Molino de Aguiar <sup>2</sup>  
Karen Florentino de Oliveira <sup>3</sup>  
Rayssa Bruna Silva dos Santos <sup>4</sup>  
Aparecida Leticia Oliveira Mota da Silva <sup>5</sup>

### RESUMO

Este trabalho configura-se como um relato da experiência de estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em parceria com a supervisora e a coordenadora de área do grupo. Ao iniciarmos as ações de docência na escola parceira, enfrentamos vários desafios, entre eles o de dar continuidade ao planejamento em curso o qual proporcionou a oportunidade de abordar o Samba como tema nas aulas de dança da disciplina Educação Física escolar. A instituição de ensino na qual o trabalho se desenvolveu, no município de Seropédica, Estado do Rio de Janeiro, está imersa em uma comunidade religiosa e conservadora, o que nos levou a reconhecer a necessidade de desconstruir a percepção de que o samba está relacionado à religiosidade de matriz africana. Além disso, abordamos também as relações étnico-raciais, explorando o samba como uma expressão cultural incorporada à nossa cultura e trazida ao Brasil pela população negra. Este trabalho, portanto, visa relatar a experiência vivida no chão da escola com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, trazendo referenciais que possam auxiliar na fundamentação entre prática-teoria-prática. Nele, relatamos os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas para abordar o tema, de modo a encontrar caminhos para o trabalho com a cultura afro-brasileira sem preconceitos.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, PIBID, Dança, Samba, relações étnico-raciais.

### INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar, como área de conhecimento, tem uma ligação histórica com o eugenismo, o militarismo e o esportivismo. Se por um lado essas tendências históricas indicam limitações, por outro é importante ressaltar que sempre houve resistências aos modelos hegemônicos, sugerindo que o campo teórico da Educação Física tem também o poder de incentivar culturalmente os estudantes por meio das identidades culturais,

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - RJ, [gabriellamonerat@ufrj.br](mailto:gabriellamonerat@ufrj.br)

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - RJ, [jonatas98@ufrj.br](mailto:jonatas98@ufrj.br)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - RJ, [karenflor@ufrj.br](mailto:karenflor@ufrj.br)

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - RJ, [rayssabruna@ufrj.br](mailto:rayssabruna@ufrj.br)

<sup>5</sup> Professora dos Municípios de Seropédica e Rio de Janeiro, Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II e Supervisora do PIBID Educação Física da UFRRJ, [aparecida.mota@rioeduca.net](mailto:aparecida.mota@rioeduca.net)

valorizando as diversidades que existem dentro do nosso país. Sendo assim, é impossível não pensar no acervo afro-brasileiro, africano e indígena para mediar essa área de conhecimento dentro do âmbito étnico-racial.

A cultura corporal afro-brasileira tem um peso enorme na formação da sociedade, já que dentro dela existe um acervo de memória, tradição e corporeidades. Nesse sentido, o samba – que pode ser visto como ritmo musical ou gênero de dança, é muito conhecido popularmente, apesar de não ser tão explorado no âmbito da educação. Mas ele tem um grande potencial e é um importante aliado para que seja possível levantar questões sobre racismo e preconceitos dentro da escola.

Pode-se dizer que o samba teve, em sua construção, a influência direta dos batuques trazidos pelos negros africanos na época em vieram ao Brasil escravizados. Por isso, muitos estudiosos afirmam que este é um gênero tipicamente brasileiro (FERREIRA, 2021).

Como bolsistas do PIBID/UFRRJ (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), neste bimestre recebemos o planejamento do município de Seropédica, localizado no Estado do Rio de Janeiro, e tínhamos como orientação o desafio de ensinar dança. Dentre as opções apresentadas (Samba e *Street Dance*), escolhemos o samba, visando aproximar mais os estudantes desse conteúdo e também da cultura que o mesmo representa, levando em consideração as suas vivências e a influência deste estilo musical em suas vidas.

As atividades foram desenvolvidas em uma escola municipal alocada provisoriamente dentro de um CIEP, localizado em Seropédica, município do Estado do Rio de Janeiro, com uma turma de 35 alunos do 7º ano do ensino fundamental.

Sendo assim, esse relato busca apresentar a experiência sobre as questões étnico e pedagógicas no ensino da dança, mais precisamente do samba na escola, sob a perspectiva dos bolsistas no que concerne a aplicação de uma proposta cujo foco foi investigar as relações étnico-raciais presente no samba e o seu impacto na Educação Física escolar, além de construir um caminho de combate ao racismo, mostrando aos alunos a diversidade da cultura corporal através desse gênero musical.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo é um relato de experiência de natureza qualitativa. A decisão por esse gênero de investigação foi motivada pela forma com que esta metodologia trata a diversidade e as possibilidades observadas no espaço escolar, visto que nessa abordagem “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado,

mas com o aprofundamento e compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 2004, p.14).

Compreendendo que um relato de experiência é, conforme afirma Mussi, Flores e Almeida (2021), uma expressão escrita de experiências vivenciadas que contribui para a produção de conhecimentos, decidimos que nosso principal instrumento para a coleta de dados seria o diário de campo, de modo a registrar todas as impressões e constatações que fôssemos observando ao longo das aulas. Também realizamos registros audiovisuais, de modo a adquirir materiais que pudessem ser analisados posteriormente, para que informações importantes em relação aos momentos de participação dos alunos não fossem perdidas.

A escolha do tema para este relato está relacionada ao Documento Orientador Curricular da Prefeitura Municipal de Seropédica (2022), que em sua proposta referenciada na Base Nacional Comum Curricular (2018), orienta o trabalho a ser realizado pelos professores de Educação Física do município. Neste documento o conteúdo “Dança” deve ser abordado no 3º bimestre, com as turmas do 7º ano de escolaridade – que constitui o nosso público-alvo, sendo tratado, especificamente, o samba ou o *street dance*. Decidimos que nossos planejamentos para as aulas de Educação Física escolar seriam elaborados visando o samba e aproveitaríamos para discutir também as relações étnico-raciais e sua pluralidade.

Para auxiliar na construção dos caminhos teóricos pelos quais devíamos seguir de modo a colocar em prática o que um relato de experiência no contexto acadêmico pretende alcançar, ou seja, “[...] além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).” (MUSSI, FLORES E ALMEIDA, 2021, p.64), buscamos por autores que permitissem ampliar nosso embasamento teórico, dialogando entre a prática-teoria-prática. Dessa forma, após uma busca na base de dados *Google Scholar* e no nosso acervo pessoal, entre os anos de 2013 e 2023, foram selecionados alguns artigos, livros e trabalho de conclusão de curso para a pesquisa bibliográfica que deu sustentação às nossas reflexões teóricas acerca do tema central do trabalho.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao observarmos os alunos durante as primeiras três semanas do 3º bimestre, foi notório que a dança em si já era algo que eles tinham um certo bloqueio. Havia muito receio do que os colegas de classe poderiam falar, e, além disso, questões relacionadas à religião e a

falta da exploração da cultura afro-brasileira ao longo do ano letivo se fez muito presente durante as duas primeiras aulas. É evidente que apesar de muitos deles dançarem através dessa nova onda das redes sociais, qualquer coisa fora desses padrões dançantes ainda vem causando um certo temor entre os alunos.

Apesar das leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, a cultura não branca, afro-brasileira, afro e indígena por muitas vezes só é trabalhada em datas comemorativas. Devido a isso, muitos não têm o sentimento de pertencimento e nem veem essa prática como parte do seu dia a dia, mas sim como algo isolado. Mas enfrentarmos o racismo com práticas de dança é uma possibilidade necessária desde a educação infantil, visto que estamos formando pessoas para se desenvolverem em uma sociedade mais igualitária, sendo a dança é um rico conteúdo para se atingir este objetivo.

Segundo Gonzáles e Fensterseifer (2010),

[...] se não for oferecida ao estudante a chance de experimentar boa parte do leque de possibilidades de movimento sistematizadas pelos seres humanos ao longo de vários anos, ele estará perdendo parte do acervo cultural da humanidade e uma possibilidade singular de perceber o mundo e de perceber-se. (p.17)

Portanto, é na educação escolar que podemos criar um vínculo entre o aluno e o comportamento antirracista, tratando a todos de forma natural, sem o preconceito estrutural, e para falar disso podemos observar a forma com que os alunos receberam o samba em suas aulas.

O racismo estrutural está na sociedade, no trabalho, nas vivências cotidianas, na fala, de uma forma sutil e "aceitável" pela sociedade, mas que oprime uma determinada condição humana: a do negro. Segundo Almeida (2019),

" Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como 'normais' em toda a sociedade." (p.15)

Partindo dessa afirmativa, a implementação do samba na escola foi um forte enfrentamento à implementação da cultura e do conhecimento escolar, oferecendo uma estratégia pedagógica antirracista. Tivemos em nossas mãos a chave para mostrar aos adolescentes o quão rico é o samba para a população, desmistificando a visão demoníaca desse gênero musical que é visto com preconceito por uma parcela da sociedade conservadora.

As aulas ocorreram ao longo do 3º bimestre, com a totalidade de dois tempos de 50 minutos por dia, uma vez por semana. A turma era composta por 35 alunos e alunas cuja idade variava entre 13 e 15 anos, sendo alguns deles repetentes.

Num primeiro momento, enfrentamos uma resistência quanto a dançar samba: muitos estavam desmotivados e não queriam fazer as atividades pelo fato de ser algo desconhecido, que os retirava da zona de conforto. Foi notória a relutância por parte da maioria, que insistia em querer permanecer com os conteúdos mais tradicionais, como os esportes. Pouquíssimos gostaram desde o início, inclusive, vale ressaltar que essa insatisfação partiu de ambos os gêneros.

Durante a primeira aula, observamos fatores que os impossibilitavam de participar por completo das atividades propostas, seja por vergonha, questões religiosas ou desinteresse. Percebemos que os alunos tinham muito receio quando se tratava do sambar, além da falta de referências acerca desse ritmo e da cultura afro-brasileira como um todo. Conseguimos ver a dificuldade e o desconforto gerado em algumas atividades. Em outros casos, uma certa facilidade na execução dos movimentos, permeada de timidez, como ocorreu quando um dos bolsistas foi conversar com uma aluna e ela chegou a relatar que dançar samba era vergonhoso. Para cativar aqueles que só queriam saber de futebol, os bolsistas trouxeram como exemplo a comemoração dos jogadores quando venceram a Copa de 2002, visto que no documentário sobre o Penta do Brasil, aparece eles cantando, tocando e sambando devido a conquista do título, porém, os alunos argumentaram que isso já fazia muito tempo.

Outro dado importante é o fato do Município de inserção da escola, Seropédica, ser um dos mais conservadores do Estado do Rio de Janeiro, inclusive com a utilização de cores diferenciadas para o uniforme: vermelho e branco para as meninas e azul e branco para os meninos. Assim, trabalhar com a arte de uma dança originária da cultura afro-brasileira foi, em nossa concepção, um ato de resistência.

No decorrer das duas aulas seguintes, foi notória a mudança no comportamento e interesse dos alunos: muitos deles ainda manifestaram um pouco de receio sobre dançar, mas outros se permitiram entender e se aprofundar nessa cultura tão rica que é a afro-brasileira. Alunas que antes ficavam mais afastadas ao final já estavam pedindo para aprender a sambar. Inclusive, um dos bolsistas foi ensinar este ritmo para uma das alunas que não queria participar das aulas e ela ficou empolgada. A empolgação foi tanta que contagiou outra colega que também ficou interessada em aprender e ao final da aula pudemos observar essas colegas ensaiando os passos que foram construídos naquele momento.

Outros alunos que só queriam saber de mexer no celular, mesmo sem admitir, participaram mais das aulas, prestando mais atenção. A aluna que relatou achar vergonhoso no começo, ao final era uma das primeiras nas filas do circuito. Os alunos já estavam tão engajados que eles mesmos queriam auxiliar seus colegas. Foi tão interessante esse resultado positivo dos alunos quanto ao samba e as evoluções das aulas ministradas que conseguimos entender que existe um caminho a ser seguido, de insistência e persistência na inserção de conteúdos diferenciados e potentes da Educação Física, estabelecendo êxito, fortalecendo a cultura afro-brasileira e, com isso, combatendo a segregação e o preconceito.

Com isso, vale a pena ressaltar o nosso desejo em continuar abordando esse tema ao longo dos próximos bimestres, tendo em vista que desistir não é o caminho para o ensino e muito menos para o combate ao racismo que está estruturado na sociedade. Poderíamos desistir e dizer que os alunos não estavam engajados, e simplesmente deixar a aula fluir, permitindo que os mesmos direcionassem o conteúdo a ser trabalhado, de modo a tornar a aula interessante para eles. Mas devemos entender que o melhor é procurar elaborar aulas que possam trazer os alunos para perto e tornar algo mais interessante.

Como afirma Ribeiro (2021) “[...] é aí que entra a escola, a Educação e a Educação Física, pois a construção de práticas pedagógicas de caráter antirracistas tem a potencialidade de confrontar o racismo.” (p.15) Vimos uma porta aberta para relacionar o conteúdo dança, que era determinado pela escola, com o movimento antirracista, utilizando o samba como o meio para que este fim fosse alcançado. Consideramos que foi uma decisão acertada, que trouxe elementos importantes para refletirmos acerca da capacidade da escola em se contrapor ao racismo estrutural.

As estratégias que utilizamos para modificar o interesse dos alunos foram muitas. Uma delas foi substituir a palavra dança por movimento corporal e assim, sem perceber os alunos já estavam dançando, dando ideias de como fazer giros ou batidinhas com os pés. Outra estratégia foi abordá-los e perguntar diretamente qual era o medo acerca da dança, investigando o porquê deles não quererem dançar. Pedimos motivos plausíveis, mostrando tentar compreender a perspectiva deles, seus sentimentos e inquietações, e isso trouxe uma maior segurança e confiança em nós, bolsistas. Em nossas aulas, como outra estratégia, tentamos encaixar a dança em jogos e brincadeiras que estavam no dia a dia deles, além dos circuitos dançantes, que foi algo que aprendemos na Disciplina Dança, na universidade.

O circuito dançante conta com um número de estações variável, dispostas em forma de rodízio, em que todos os alunos devem passar por todas as estações fazendo movimentos que possam levar a um movimento corporal dançante. Ao fim do percurso, após todos os

alunos terem passado por todas as atividades dirigidas, é montada uma pequena apresentação coreográfica com os passos aprendidos em cada uma das etapas.

Com isso percebemos a turma mais envolvida, dando sugestões de músicas mais atuais e que achavam que se encaixavam nas atividades. Essa estratégia foi uma aliada importantíssima para o desenvolvimento da aula, permitindo a implementação da temática abordada e também prendendo a atenção dos alunos com algo novo e diferente, trazidos por eles mesmos. Aos poucos criamos laços com os alunos e mostramos que o samba tem outros enfoques e elementos desconhecidos por eles, além de oferecermos um conteúdo que os fizeram refletir que a Educação Física na escola pode fazer com que agreguem conhecimentos outros ligados à cultura corporal, para além dos esportes conhecidos.

Para finalizar, realizamos uma roda de conversa abordando o tema trabalhado no bimestre. Começamos falando sobre o samba propriamente dito e uma das bolsistas compartilhou sua experiência como passista mirim, levando fotos e vídeos para que os alunos entendessem como funciona o universo que envolve as escolas de samba. A curiosidade sobre questões referentes ao carnaval moveu boa parte da conversa, apesar da repulsa de alguns que ainda relacionam essa festa popular com religiosidade.

Em seguida, discutimos questões étnico-raciais, iniciando essa pauta perguntando a autodenominação racial de cada um. Foi perceptível a dificuldade que muitos apresentaram para se identificarem, pedindo aos bolsistas que os ajudassem a responder. Observamos que a grande maioria tinha vergonha, medo e até mesmo dúvida de se identificar como pessoa negra.

O interesse dos alunos nesse assunto, especialmente após falarmos sobre o enfrentamento do racismo nos dias atuais, exemplificando com nossa história de vida, foi um grande aliado. Após uma das bolsistas dizer que apesar de ser uma mulher negra, só se percebeu como tal ao ser vítima de racismo causou impacto. Em seguida, muitos quiseram exemplificar situações pessoais em que viveram ou que presenciaram o racismo, inclusive dentro da própria sala de aula.

A roda de conversa foi extremamente interessante e envolvente, sendo uma ótima estratégia para encerrar o bimestre, visto que foi possível desenvolver ao longo das aulas uma conscientização acerca da cultura afro-brasileira que culminou em uma conversa rica de informações relevantes para que os alunos finalizassem esse conteúdo com a certeza de que o racismo é uma atitude ignorante, pois a cor da pele não deveria ser motivo para preconceitos e distinções em nossa sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi possível constatar que é de suma importância inserir a cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física escolar, especialmente por meio do conteúdo Dança, desmistificando os boatos sobre a manifestação negra e levando o rico acervo histórico-cultural do país aos estudantes da Educação Básica. O samba é alegria, cultura, motivação. A história por trás de sua criação é linda e de grande valor para a sociedade, entendendo que o ritmo serviu para motivar os povos que eram ocultados pela sociedade e trazendo para fora toda a riqueza que a história negra pode proporcionar.

Vale ressaltar que apesar da obrigatoriedade do ensino da história africana, afro-brasileira e indígena estar pautada nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que nos dá respaldo para implementação das culturas na educação, o movimento em prol de uma educação antirracista deve ir além do cumprimento da mesma, a fim de não negligenciar e ocultar aos alunos a importância desses povos para a sociedade em questão.

Na Educação Física, vimos que podemos utilizar a cultura afro-brasileira para o ensino da história dos povos, com brincadeiras, jogos, músicas e principalmente movimentos corporais que a dança nos proporciona, sendo o samba imprescindível nesse contexto.

É essencial que os docentes atuantes nas escolas estejam dispostos a buscar o conhecimento necessário para transformar a educação em uma educação antirracista, não deixando que os desafios possam pará-los, mas entendendo que transformar a vida de muitas crianças e adolescentes é essencial, fazendo com que se sintam representados pelo desenvolvimento da cultura de seus ancestrais. Mas também temos que investigar se na formação desses professores encontraremos fornecedores de conhecimento suficiente para que estejam prontos para agir em favor desse movimento, que não traçamos nem a linha inicial dessa corrida.

Estamos buscando capacitar essa geração a ser resiliente e enfrentar os desafios futuros. Através da roda de conversa, acreditamos ter plantado a semente na mente e no coração dos adolescentes, para que eles transmitam esse conhecimento adiante. Assim, seus filhos e netos serão educados adequadamente sobre questões raciais.

Tendo em vista que estamos ainda nos destroços da colonização e temos a ciência que esse trabalho não se encerra por aqui, precisamos seguir buscando enfatizar o assunto e desestereotipar a Educação Física, mostrando que podemos ir além de um corpo saudável, adicionando conhecimento em histórias reais pouco exploradas.



**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

FERREIRA, M. Garcia de Alvarenga. O samba como elemento da cultura corporal brasileira na Educação Física Escolar. 2021. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

GOLDENBERG, M. **Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de formação RBCE**, v.1, n. 2, 2010.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

Ribeiro, W.; Silva, R.; Destro, D. **EDUCAÇÃO FÍSICA E DIFERENÇA** perspectivas e diálogos. Curitiba. CRV. 2021